

As Mutações da literatura no século XXI segundo Leyla Perrone-Moisés

ROSANGELA FERNANDES ELEUTÉRIO*

O livro *Mutações da literatura no século XXI* trata-se de um conjunto de ensaios onde a autora Leyla Perrone-Moisés aborda o tema da literatura na cultura contemporânea e sua representação em um contexto onde a crítica literária enfrenta um desprestígio. Com o surgimento e expansão das ciências humanas em meados do século XX, a literatura foi discutida como uma expressão logocêntrica. A partir desses argumentos por parte de pensadores, “os estudos literários perderam então sua frágil especificidade, baseada em valores considerados etnocêntricos, e as obras passaram a ser avaliadas e estudadas em função de seus temas” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 11). O livro trata desse processo onde a recepção da literatura vai se modificando ao longo dos anos até a discussão do que ela é hoje, sob uma perspectiva histórica e crítica pela autora. Leyla Perrone-Moisés é professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. No exterior deu aulas na Universidade Yale, na Paris-Sorbonne e na École Pratique des Hautes Études. Recebeu o Prêmio Fundação Bumge pelo conjunto da obra em 2013. É autora de outros livros como *Altas literaturas, Flores da escrivainha, Inútil poesia, Vinte luas e Vira e mexe, nacionalismo*.

A literatura passou por significativas “mutações” desde o fim do século XX, que coincide com o fim do milênio. Um dos motivos é o desaparecimento do “grande escritor” e “encolhimento do público leitor de “literatura séria”” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 17). Alguns teóricos literários fazem observações sobre essas mudanças pelas quais a literatura passa desde Homero até a contemporaneidade. A autora cita Jacques Derrida, o sociólogo Robert Escarpit, o filósofo Jean Paul-Sartre como os primeiros pensadores a identificarem e refletirem sobre esse processo de “fim” por meio do qual a literatura é entendida atualmente. A literatura da qual trata Perrone-Moisés é aquela que “foi definida em meados do século XVIII, quando a palavra deixou de significar o conjunto da cultura letrada para designar uma atividade particular” (2016, p. 19). A prática da linguagem escrita tomou formas separadas e superiores de expressar conhecimentos específicos e registrar pensamentos que marcam determinada época e cultura. Há um apagamento dessas características na literatura contemporânea “porque o aspecto estético tem perdido terreno e decorrência da banalização do conceito de “literatura”” (2016, p. 19).

* Mestra no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil. E-mail: rosangelaeleuterio@gmail.com

A partir de algumas citações de Jean Paul-Sarte em seu livro *Que é literatura?* Perrone-Moisés demonstra algumas das convicções de que a literatura em meados do século XX era uma forma de escrever que transformava a realidade de forma livre, sem visar qualquer fim. Não tinha o compromisso de passar uma mensagem, mas sim exercer a totalidade da escrita como expressão do ser humano sem relação a emoções pessoais. O declínio da literatura como expressão artística da linguagem defendida por Jean Paul-Sartre, foi discutido por Maurice Blanchot em “Para onde vai a literatura?”, em 1959, que afirma que a literatura se dirige para seu fim em si mesma. Em 1972, “Octavio Paz faz uma análise da modernidade artística que ele já considerava terminada” (2016, p. 22) e, anos depois, Roland Barthes fala abertamente sobre a “morte da literatura” (2016, p. 22). O propósito dessas referências não é fazer um tratado histórico do suposto declínio da literatura, mas sim indicar autores que já falaram sobre o tema.

Quando se fala do “fim da literatura trata-se do fim de um tipo de literatura, aquela da alta modernidade” (2016, p. 25). Pois, atualmente, se publica muito ficção e poesia, há muitas feiras, prêmios e eventos literários que demonstram que dizer “fim da literatura” não significa o fim da produção de livros e a falta de leitores. A literatura da qual Perrone-Moisés fala “é a que se manifesta em determinados textos, escritos numa linguagem particular, textos que desvendam o homem e o mundo de maneira aprofundada, complexa, surpreendente” (2016, p. 25). A autora cita o teórico francês William Marx e seu traçado histórico sobre como a literatura caminhou para seu fim ao longo dos séculos. Segundo ele, a literatura no século XIX foi tão valorizada quanto religião, para, depois, ser cultivada por seus escritores como arte pela arte e, no fim do século XIX, os escritores tornaram-se tão “herméticos que destruíram eles mesmos a comunicação com seus leitores” (2016, p. 26). A literatura atual revela outras nuances que fogem do conceito inicial do que significa arte literária e que influenciarão a produção dos textos que serão lançados. Isso impactará a formação de leitores que deverão surgir mais do que a formação dos escritores.

A literatura na cultura contemporânea se manifesta em várias séries “concomitantes, mas não necessariamente coincidentes”, ou seja, “um gênero considerado não literário numa época passa a ser considerado literário em outra” (2016, p. 28). Iuri Tynianov trata da evolução literária como conceito dialético e considera que a literatura é uma das “séries” da cultura e “que assim como ela está sujeita a mudanças históricas (2016, p. 29). As questões culturais e históricas são complexas tanto na produção quanto na recepção da cultura. “Até o século XIX a cultura era privilégio das elites sociais e o povo não tinha acesso a ela” (2016, p. 30). Sob o domínio da burguesia “e com as instalações das sociedades democráticas no Ocidente, a cultura tornou-se um bem comum, potencialmente ao alcance das multidões” (2016, p. 30). Isso gerou alguns problemas sobre o entendimento do conceito cultura, pois “evidenciou a contradição entre tradição e modernidade, velho e novo, preservação e destruição (2016, p. 30). A expansão do acesso à cultura produzida de modo industrial assustou aqueles que, anteriormente, haviam sido formados na “alta cultura”. Isso gerou uma desqualificação por parte de intelectuais que culpavam as mídias de proporcionar entretenimento destinado a “distrair a massa das suas reais condições de trabalho no sistema capitalista” (2016, p. 30).

A industrialização da cultura banalizou o conceito de arte reduzindo-a em produto de comercialização. O fato foi preocupante para pensadores como Hannah Arendt que considerava as obras de arte “a expressão mais alta da cultura” (2016, p. 31). Com o tempo as preocupações de Arendt fizeram ainda mais sentido com o surgimento da *internet* e o avanço das tecnologias de comunicação e entretenimento cada vez mais rápido e fácil. Nesse contexto, a literatura como forma de arte sofre os efeitos dessa situação (2016, p. 32). A literatura na cultura contemporânea deve ser defendida dentro de uma prática onde os escritores definem dentro de suas obras as mutações da literatura. Sem criar valores estéticos novos, muitos se aproveitam das conquistas feitas no passado sem obedecerem a mandamento algum (2016, p. 36). Não é proibido como no tempo das vanguardas, escrever obras com significação atual, porém “a liberdade do escritor não deve igualar uma obra literária a uma obra de puro consumo e entretenimento” (2016, p. 37). Nesse mesmo raciocínio, a obra literária não pode ser julgada baseada apenas no gosto e “seu valor em termos de consumo, tomando como critério sua vendagem ou publicidade (2016, p. 37).

Há questionamentos sobre a existência de uma literatura pós-moderna. Segundo Perrone-Moisés, pós-modernidade é uma nomenclatura imprecisa adotada desde fins do século XX para nomear um “período histórico, um complexo ideológico, uma situação da sociedade e um estilo artístico” (2016, p. 39). Essa designação é ambivalente, pois pressupõe que a modernidade teve um fim ou foi superada. Teóricos que defendiam a pós-modernidade “apresentavam-na como resultante do não cumprimento das promessas iluministas da modernidade e da exaustão de suas pretensões progressistas” (2016, p. 40). Isso tem relação com questões políticas e econômicas que profetizavam novos modos de produção no século XXI. Na literatura, o rótulo “pós-moderno” é predominantemente estético e carregado de simplificações e imprecisões (2016, p. 41). As características atribuídas à literatura pós-moderna por vários teóricos podem ser confusas. Pode-se pensar a “pós-modernidade como um desenvolvimento da modernidade, mas “na falta de melhor designação” a literatura das primeiras décadas do século XXI é chamada, no livro de Perrone-Moisés, de literatura contemporânea.

As transformações na literatura contemporânea são bastante variadas. A poesia, por exemplo, não sofreu grandes mudanças desde a adoção do verso livre, “a prosa tem sido o gênero preferencial dos escritores contemporâneos” (2016, p. 45). Perrone-Moisés lista como uma constatação crítica, os procedimentos adotados por autores como a intertextualidade generalizada, a temática como testemunha do individualismo contemporâneo, a influência das novas tecnologias, a diversidade de subgêneros ocupando o mercado na literatura impressa que se misturam e divide os leitores que Umberto Eco chama de “leitor semântico” (que atualmente são predominantes) e “leitor crítico ou estético” (2016, p. 47). Porém a grande questão levantada pela autora é “em que medida a literatura pode ainda dar conta do mundo contemporâneo e alcançar os “leitores críticos?” (2016, p. 48). Pois segundo ela, “as palavras em alta, na teoria literária contemporânea, são “reflexão” e “crítica”. Nossa época é o momento de pensar sobre o passado recente e criticar os caminhos do presente (2016, p. 49). Só através da reflexão e crítica poderão surgir “pensamentos novos” para melhor definir a literatura da contemporaneidade.

A literatura da alta modernidade terminou seu ciclo, deixou sua herança e vários ensaístas como, por exemplo, Haroldo Bloom se encarregam de velar por essa herança (2016, p. 51). Bloom, em seus ensaios, procura impor um cânone literário, porém isso não atrai leitores. Outros ensaístas como Danièle Sallenave falam da herança literária com amor. A ensaísta afirma que sem os livros a vida é ordinária e “cria um tempo imóvel fora do tempo, que nos libera da consciência melancólica da finitude, da morte” (2016, p. 51). Sallenave defende que a literatura não deve ser preservada longe das massas, mas sim oferecida como bem e direito. Para Jacques Derrida a herança não é algo que se possa recusar, pois ela faz parte de nós. Roland Barthes, em seu último curso no Collège de France, definia o romance que queria escrever como “filial” (2016, p. 53). A literatura, segundo Perrone-Moisés, é “incessantemente disseminada e inseminadora, infinitamente reinterpretada” e, por essa razão, ela revive através das novas obras que lhe dão prosseguimento (2016, p. 53). Pascal Quignard fala de “família literária” à qual sua obra pertence. De acordo com esses teóricos, a literatura toma vários sentidos, mas a herança afetiva que a sustenta oferece esperança de que, embora ela se transforme, não será perdida.

A crítica literária vem perdendo espaço desde a segunda metade do século XX, porém, apesar do desprestígio atual, ela ainda existe e pode ser classificada em três grandes categorias: “a crítica universitária, a crítica jornalística e a crítica exclusivamente eletrônica dos blogs”. Em qualquer meio de difusão, a crítica contemporânea exemplifica a “perda da função de autoridade que o gênero teve no passado” (2016, p. 61). As opiniões, em qualquer tipo de manifestação, são “flutuantes e provisórias” não recebendo por parte dos escritores a seriedade que recebiam no passado. Isso, embora um bom crítico literário seja um especialista, pois a crítica é exercida por um número pequeno de leitores. A importância da produção literária não depende atualmente da crítica, entretanto a qualidade de leitores deve ser elevada pela crítica “evitando, na medida do possível, que a grande força do mercado os leve a consumir qualquer produto” (2016, p. 64). Atualmente há, em razão da facilidade que a *internet* proporciona, um número incontável de críticos com vários níveis de competência, porém essa criação espontânea carece de credibilidade pois não tem a fundamentação teórica que só se adquire depois de muita “leitura *de e sobre* literatura” (2016, p. 68).

O ensino da literatura nas escolas foi seriamente afetado com esse declínio do qual se está tratando. A profissão de professor de literatura é, hoje, pouco atraente e os currículos, que visam “preparar os alunos para a vida prática”, consideram a literatura como uma disciplina supérflua (2016, p. 71). O enfraquecimento dessa disciplina afeta a prática da literatura “já que ninguém se torna escritor sem referência de leituras anteriores consideradas literárias” (2016, p. 71). O ensino de literatura no Brasil tem tido a sua relevância questionada e vem sendo *adequado* às práticas de linguagem e comunicação. A desvalorização tem origem na concepção de “falta de praticidade” desse ensino e de “pretensão elitismo”. Em decorrência, não há um bom preparo de alunos para a leitura de textos literários e isso desmotiva a formação de professores que poderiam formar o gosto pela literatura nos estudantes. Além disso, “considerar elitista o ensino de matérias complexas é subestimar a capacidade dos alunos” (2016, p. 78). O utilitarismo predominante em nossa época dá origem à pergunta: “Para

que serve a literatura?”. Em resposta a essa questão Perrone-Moisés afirma: “a literatura serve para rir, para chorar, para viajar, para assombrar, para pensar, para compreender e, sobretudo, para nos encantar com o fato de que a linguagem verbal seja capaz de tudo isso e mais um pouco” (2016, p. 82).

A segunda parte do livro de Leyla Perrone-Moisés trata mais especificamente das mudanças ocorridas na narrativa contemporânea. Segundo a autora, desde o XIX houve um “crescimento e esplendor do gênero romanesco, sobretudo na França, na Inglaterra e na Rússia” (2016, p. 85). No início do século XX houve uma mudança por parte de alguns autores como Proust, Joyce e Virginia Woolf com a introdução de explorações psicológicas em suas narrativas. Também introduziram a reflexão filosófica e estética, inventaram novas técnicas como o monólogo interior, misturaram vários segmentos temporais, digressões ensaísticas e experimentação linguística (2016, p. 85). Depois desses autores ficou difícil a volta de criações literárias lineares como era feito anteriormente. “As vanguardas artísticas questionaram e revolucionaram todas as convenções estéticas anteriores, inclusive o romance” (2016, p. 85). Ao longo do século XX, o gênero foi amplamente discutido por teóricos que examinaram suas características, transformações e possibilidades futuras. Um desses teóricos foi Georg Lukács que redigiu, entre 1914 e 1915, a *Teoria do romance* (2016, p. 86). Nesse livro, o crítico decreta a morte do romance. Com certo pessimismo, ele declara que a literatura contemporânea não revela nenhuma possibilidade criativa e que se plasma em antigas espécies de configuração (2016, p. 86).

Deram prosseguimento às reflexões de Lukács outros teóricos marxistas que as ampliaram ou contestaram. Entre eles estavam Theodor W. Adorno, Lucien Goldmann e Ferenc Fehér. Adorno por exemplo, dizia que o romance “se encontra em situação paradoxal” na qual o narrador toma distâncias ambíguas (2016, p. 87). Ainda segundo Adorno, os romancistas da metade do século XX absorveram das reportagens jornalísticas e do cinema recursos estilisticamente técnicos. A filosofia existencialista de Jean Paul-Sarte e Albert Camus defendia a literatura com textos teóricos que não foram tão populares (2016, p. 88). Enquanto isso, “as decepções posteriores com a União Soviética fizeram com que o engajamento político fosse logo recusado pela maioria dos romancistas franceses” (2016, p. 88). Nathalie Sarraute redigiu entre 1947 e 1953 quatro capítulos que foram reunidos em *L'Ère du soupçon* “que funcionou como manifesto do *nouveau roman* francês” e foi seguido pelo ensaio de Alain Robbe-Grillet, *Por um novo romance*, em 1963 (2016, p. 88). Nesse período em que os teóricos citados escreviam sobre o romance contemporâneo, os “novos romancistas” eliminavam o romance do tipo balzaquiano e optavam por narrativas fenomenológicas, carregadas de “descrições impessoais e minuciosas de ambientes e gestos humanos que criavam” (2016, p. 88).

Desde a aparição dos textos críticos criados por esses teóricos, “não houve mais propostas teóricas relevantes de renovação de gênero, mas os romances, de várias espécies, continuaram sendo publicados e lidos” (2016, p. 89). Em 1960 surgiu o *boom* da literatura hispano-americana que trouxe o fantástico e o “realismo mágico”. Foram descobertos pelos europeus e norte-americanos autores como Borges, Carpentier, García Márquez e Cortázar.

Esses romancistas proporcionaram aos leitores um reencantamento pelo mundo da ficção e “influenciaram ficcionistas de todos os países ocidentais” (2016, p. 89). Assim, a literatura do século XX, que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, produziu obras notáveis e trouxe à luz uma lista romancistas famosos que enriqueceram a história da literatura com grandes obras. E houve, também, uma “avalanche de romances para consumo de grande públicos” de todos os gêneros, que os teóricos já citados poderiam considerar como “meros produtos da indústria cultural” (2016, p. 89).

E ainda nesse período, surgiram romancistas que ajudam a analisar como a literatura de dois séculos anteriores influencia o romance do início do século XXI. Por isso, Perrone-Moisés propõe partir da “teoria do romance esboçada por grandes romancistas na virada do século” (2016, p. 90). Com a finalidade de apresentar uma amostra significativa, a autora explicita nome e nacionalidade dos principais romancistas que, muitas vezes, incluíam em suas obras de ficção, reflexões teóricas sobre o romance (2016, p. 90). O primeiro deles é o francês Claude Simon (1913-2005), Prêmio Nobel em 1985 (2016, p. 90); O mexicano Carlos Fuentes (1928-2012) que realizou uma conferência intitulada “O romance morreu?” em 1992 (2016, p. 91); O tcheco Milan Kundera, que dedicou-se a escrever muitos ensaios nesse gênero como *A arte do romance* (2016, p. 92); O peruano Mario Vargas Llosa, que reuniu suas reflexões sobre o romance em *A verdade das mentiras* (2016, p. 95); O sul-africano J. M. Coetzee, que foi professor universitário e exerce a crítica literária (2016, p. 99); O romancista inglês David Lodge, que é, também, autor de vários ensaios sobre o romance (2016, p. 100); A norte-americana Susan Sontag (1933-2004), que, além de ensaísta, foi ficcionista e deixou um texto sobre o romance em 2004, intitulado “Ao mesmo tempo: O romancista e a discussão moral – Conferência Nadine Gordimer”(2016, p. 102); e o também norte-americano Jonathan Franzen, que “fala do seu ofício em termos bem diferentes daqueles usados pelos ficcionistas do século XX” (2016, p. 104).

Os romancistas citados possuem pontos de vista coincidentes. Concordam que a narração “continua sendo uma necessidade humana básica” (2016, p. 108). Alguns romancistas “veem na ficção o preenchimento de uma falta, uma compensação para a infelicidade da vida, um sonho, uma fuga” (2016, p. 108). Há também a discussão sobre o realismo ficcional que, para os romancistas contemporâneos, parece ser “uma forma de preservar o que a vida tem de mais precário e perecível, num mundo em acelerada transformação” (2016, p. 109). Os romancistas acima citados recusam a indústria cultural e Kundera alerta para o “perigo de sermos esmagados pelo lugar comum”, refutando as adaptações de romances para televisão, pois “na adaptação preserva-se apenas o enredo e perdem-se as múltiplas camadas de significação que só a linguagem verbal pode criar” (2016, p. 110). Outro aspecto do mundo contemporâneo colocado em questão é o multiculturalismo, que pode ter sido entendido pelos romancistas norte-americanos como uma forma de escritores de países marginalizados ingressarem no círculo da alta literatura e que, segundo Sontag, deixam de lado a “cultura dominante”. Por fim, as novas tendências do romance do século XX e o crescimento de subgêneros romanescos como a autoficção e o metaliterário, explicam o complexo mundo de produção e consumo no qual está envolvido o mercado literário.

Perrone-Moisés entra também no debate sobre a metaficção e a intertextualidade, aborda a escrita de si de escritores que se tomam como personagens de ficção como mais um dos aspectos que envolvem as teorias e mutações da literatura pós-moderna. Também faz uma reflexão sobre os ensaios de teóricos que contribuem para um melhor entendimento dos fenômenos atuais. Segundo a autora, os espectros da modernidade literária aludem a uma certa melancolia por não se tratar de literatura de vanguarda, mas sim “tardia” (2016, p. 149). A autoficção é um importante componente que vem se destacando na chamada literatura pós-moderna e vem de uma longa tradição (2016, p. 204). São muitos os tipos de narração que permitem perceber partes biográficas do escritor seja na descrição da infância ou, então, narrativas de doenças, perdas e lutas pessoais (2016, p. 204). A ficção distópica, que figura o fim das ideologias e utopias (2016, p. 220), traz autores que se posicionam a contrapelo das teorias literárias. Entre várias correntes da prosa atual, há aquela que é chamada de “literatura exigente”. Nesse segmento, os autores “não se conformam com os limites genéricos anteriores à modernidade, mesclam todos os gêneros livremente” (2016, p. 238).

A autora conclui o livro explicando que a “literatura contemporânea não pode ter conclusão, porque o contemporâneo é o inacabado, o inconcluso” (2016, p. 253). Falar da literatura contemporânea é fazer um pequeno recorte na temporalidade. Isso, porque ela “se desenvolve no interior de uma história própria, cujos marcos são ligeiramente defasados com relação aos acontecimentos históricos” e também às séries culturais que já ocorreram e continuam a ocorrer através dos tempos (2016, p. 254). Para o historiador, não é aconselhável falar da literatura de seu próprio tempo, pois falta a distância do objeto de análise. O fim da literatura já foi um tema exaustivamente explorado, mas, ao que parece, os escritores não se deram conta e, por isso, continuam escrevendo. Ensaístas acreditam que, apesar do seu suposto fim, a literatura vem se tornando mais forte “na medida em que o mundo tem experimentado transformações mais intensas e mais rápidas que nos séculos anteriores” (2016, p. 256). Em meio à globalização e à aceleração das mídias, entre outros fatores, a literatura contemporânea tem privilegiado os aspectos negativos “em narrativas realistas ou alegóricas”, ou seja, “a melhor literatura de nosso tempo é crítica” (2016, p. 257). Com essas palavras se torna possível concluir que a literatura ainda está longe do seu fim. O que se deve aceitar são as mutações que a transformam, como vêm transformando ao longo do tempo, e se apresentam em novas formas. Pois é da necessidade humana de liberdade de pensamento e de fantasia que a literatura vive e continuará vivendo, adequando-se às tendências do seu tempo.

ELEUTÉRIO, R. F. *The Mutations of Literature in the 21st Century According to Leyla Perrone-Moisés*. Olho d’água, São José do Rio Preto, v. 10, n. 1, p. 241-247, 2018. ISSN: 2177-3807

Referências

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Recebido em: 18 fev. 2018

Recebido em: 15 mar. 2018